

Escola inova e ensina de maneira diferente

Experiências bem-sucedidas de algumas escolas de Brasília sepultam, definitivamente, as técnicas de ensino tradicionais que privilegiam a transmissão mecânica do conhecimento já pronto e acabado. Alunos da Escola Classe 106 Norte, por exemplo, aprendem Matemática na prática por meio de visitas a supermercado, agência bancária, além de organizar feiras na escola para comercializar quinquilharias trazidas de casa.

As atividades proporcionam aos alunos uma vivência com o conteúdo transmitido pelos professores em sala de aula. Eles conhecem as cédulas, aprendem a fazer contas ao comprar um produto, vender, preencher um cheque e outras regras básicas do sistema monetário.

Uma dessas aulas práticas ocorreu recentemente em uma agência do BRB, da 507 Norte. O gerente João Afonso Guerra e os caixas foram bombardeados de perguntas pelos alunos sobre o funcionamento do banco. Janaína da Rocha, 9 anos, por exemplo, quis saber de onde vem o dinheiro que viu nos caixas. "Você traz de casa?", perguntou a garota.

Eveline Pinto Almeida, 8 anos, ficou preocupada com a responsabilidade dos caixas em guardar tanto dinheiro. "E se sumir, é você quem paga?", indagou. Curiosa com a profissão, Eveline ainda perguntou à caixa Mailda da

Silva Delgado se é necessário saber muita Matemática para ser um bancário.

Yury Pieroni de Lima, 8 anos, achava que cheque sem fundo era um documento falso e não entendia porque seus pais, muitas vezes, diziam que não tinham dinheiro para comprar algum presente quando tinham talão de cheque. "Agora, eu sei. Antes, não conseguia entender porque minha mãe se negava a comprar alguma coisa mesmo quando tinha cheque", disse Yury, após receber a explicação do gerente sobre o que é um cheque sem fundo. Tony Teles da Cruz, 9 anos, ficou surpreso em saber que é no banco que seus pais pagam as contas de luz e telefone.

Surpresa

Na visita, os alunos conhecem o sistema de auto-atendimento. E ficaram surpresos quando o gerente João Afonso Guerra explicou que os clientes podem sacar dinheiro, pagar contas, retirar extrato e talão de cheque, tudo sem auxílio de um funcionário do banco. Janaína da Rocha, 9 anos, por exemplo, quis saber de onde vem o dinheiro que viu nos caixas. "Você traz de casa?", perguntou a garota.

Nos caixas, os estudantes foram atraídos pela máquina de contar dinheiro. Viram o cofre do banco e se surpreenderam com a quantidade de cédulas rasgadas ou riscadas. O gerente Guerra aproveitou para reforçar a necessidade do cidadão zelar pelo dinheiro. "Quem r иска ou rasga uma cédula está cometendo



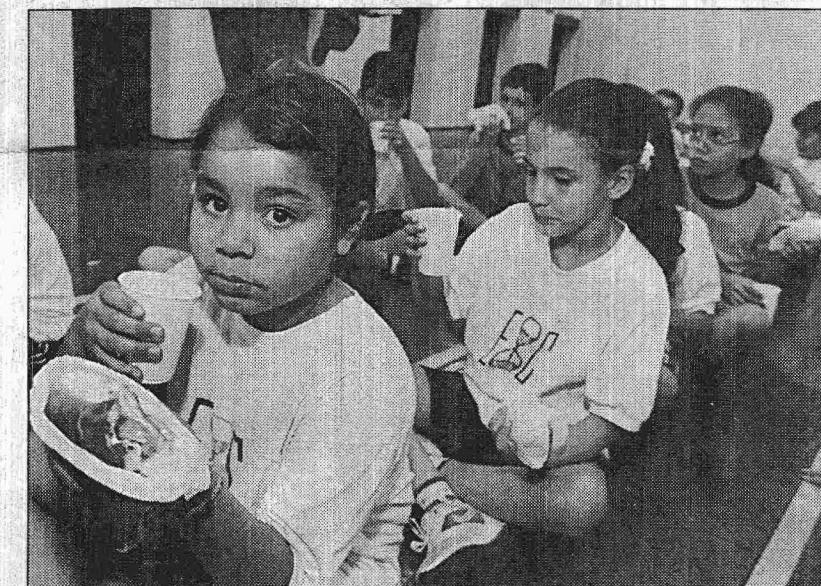
ALUNOS da Escola Classe 106 Norte: visita a agência bancária

do um crime e pode ser preso", disse Guerra.

Na sala da contabilidade, a professora Mariete Tavares aproveitou para comparar essa atividade com o que os alunos viveram ao organizar uma feirinha na escola. "É aqui que os bancários contam o dinheiro que entrou no banco, quanto saiu e o lucro. O mesmo que vocês fizeram na feirinha", lembrou a professora.

A professora Celeste Souza Borges explicou que a visita ao banco é resultado das aulas sobre sistema monetário. No ano passado, os professores limitaram-se às aulas do conteúdo.

12 OUT 1998



NA HORA do lanche, garotada fica atenta aos preços e trocos

Agora, iniciaram uma série de atividades práticas para o aluno aprender mais a exercer plenamente sua cidadania.

Feira

Na feirinha organizada na escola, um grupo de alunos foi transformado em vendedores e outro em consumidores. Os vendedores levaram gibis, bombons, salgadinhos e outras beringangas de casa. Os consumidores, R\$ 2,00 para fazer compras. Aprenderam a passar troco, vender e comprar, além de comparar e barganhar preços mais baixos.

"A feirinha foi montada na própria sala de aula e eles perceberam que o lucro foi pequeno. Resolveram expandir o negócio para a escola inteira, atraídos por um lucro maior. E foram à luta. Divulgaram a feira de sala em sala e colaram cartazes com anúncios", lembra Celeste.

Com o dinheiro arrecadado, os alunos decidiram gastá-lo numa lanchonete da cidade. O passeio também resultou em aprendizado para as aulas de Matemática. A nota fiscal serviu para os alunos calcularem quanto gastaram no lanche, o custo do sanduíche e refrigerante para cada colega e

quanto receberam de troco.

A professora Celeste Borges garante que esse tipo de atividade escolar oferece conhecimentos imprescindíveis ao exercício pleno da cidadania na sociedade moderna, além de resultar num melhor aprendizado das disciplinas. "Ao vivenciar uma situação, a criança aprende a pensar", resume. Esse projeto pedagógico é adotado por todas as turmas da Escola Classe 106 Norte e mostra que, com criatividade e com pouco dinheiro, é possível os professores cumprirem sua missão com dignidade para melhorar a qualidade do ensino público.

Fotos: Sebastião Pedra